



NOMEAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO NO BAIRRO VILA ZELINA EM SÃO PAULO, NO BRASIL

NAMING AND TERRITORIALIZATION ON VILA ZELINA DISTRICT AT SÃO PAULO, BRAZIL

Márcia Sipavicius Seide¹

Resumo: Este artigo apresenta um estudo interdisciplinar das reações dos moradores da Vila Zelina, bairro da região leste da cidade de São Paulo, perante a criação e as iniciativas de uma associação de bairro de acordo com textos jornalísticos publicados em 2009, 2013 e 2015. Essas reações foram analisadas tendo em vista a história de constituição do bairro e a paisagem cultural da região. Os resultados evidenciam que os moradores não aprovaram as iniciativas da associação em virtude das relações entre nomeação, território e identidade e mostram como o enfoque interdisciplinar enriquece os estudos toponímicos.

Palavras-chave: Linguística. Onomástica. História Social. Geografia Cultural. Nomeação.

Abstract: This paper presents an interdisciplinary research about local residents reactions of “Vila Zelina”, a district of West region of São Paulo city at Brazil due to creation and initiatives of an association of residents. The paper analyses texts published on the years of 2009, 2013 and 2015 by local and national journals on the basis of the History of the district and its cultural landscape. Results show that some local residents disapproved the association initiatives due to relations among naming, territory and identity and point the advantages of the interdisciplinary approach to toponymic studies.

Keywords: Linguistics. Onomastics. Social History. Cultural Geography. Naming.

Introdução

Este artigo se insere na Toponomástica a qual é a parte da Onomástica que estuda os nomes próprios de lugares. Os topônimos, enquanto parte do sistema linguístico de uma língua, são foco de atenção de estudiosos da linguagem, mas não apenas, historiadores, geógrafos e

¹ Professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, campus de Cascavel e do Colegiado de Letras, campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail Marcia.Seide@unioeste.br

antropólogos também os estudam. Trata-se de “uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador” (DICK, 1992, p.II).

Adota-se, neste artigo, um ponto de vista interdisciplinar perante os topônimos que recorre à História Social e à Geografia Cultural para compreender a nomeação como estratégia de territorialização, as reações e os posicionamentos dos moradores perante a disputa simbólica pelos espaços intraurbanos. Para tanto, apresenta-se, a seguir, um estudo de caso realizado no bairro da Vila Zelina, situado na zona leste da cidade de São Paulo. Conforme defendem Andrade e Dick, quando se adota este viés, é possível ter “uma postura mais crítica diante dos fatos da realidade, compreendendo-a melhor”, haja vista que o estudo interdisciplinar dos topônimos “estabelece o sentido de unidade diante dos diversos saberes” (ANDRADE; 2012,p.200).

A apropriação de determinada área por um agente institucionalizado representante de um estado ou de uma nação corresponde ao conceito tradicional de território. Desde o final do século passado, contudo, como mostra Cabral, este conceito foi redefinido como sendo relativo ao poder de controlar e gerir o espaço. Ao considerar os agentes deste processo e aquilo que está sob seu controle e gestão, o território passa a ser concebido como complexo, multifuncional, móvel, intermitente e sem limites fixos, como resultado das estratégias empregadas para o estabelecimento, a manutenção e o fortalecimento das relações de poder (2007).

A nomeação como estratégia de territorialização é antiga e esteve presente em muitos empreendimentos de colonização e apropriação territorial. Um exemplo disso pode ser encontrado na política adotada pelos europeus, com inclusão os portugueses, em meados de 1700 quando lugares situados na área de interesse da colonização lusitana receberam nomes de santos católicos em Língua Portuguesa em substituição de nomes atribuídos pelos jesuítas. (MORAES, 2017,s/p).Segundo análise de Kantor, naquele contexto, a substituição dos nomes de lugares e de acidentes geográficos serviu como um dos meios pelos quais Portugal procurou afirmar sua soberania no continente americano (KANTOR, 2009, p.47 apud MORAES, 2017 ,s/p).

Na área da Geografia cultural, outras pesquisas evidenciam a relação entre a nomeação ou renomeação toponímica e o estabelecimento e/ou mudanças de relações de poder. Corrêa mostra que, quando um

território é objeto de disputa, a toponímia funciona como um fator que articula língua, poder territorial e identidade (2014, p.29). Esta articulação é por ele exemplificada com um caso ocorrido nos Estados Unidos e investigado por Alderman que estudou as reações favoráveis e contrárias à renomeação de ruas em cidades do sul daquele país com nomes que homenageavam Martin Luther King proveniente de dois grupos distintos, um de liderança branca e outro de liderança negra. (ALDERMAN, 2010 apud CORRÊA, 2014, p.29).

Análises de renomeações ocasionadas por circunstâncias políticas também podem ser encontradas em pesquisas realizadas no âmbito da Linguística. Frosi, Faggion e Dal Corno estudaram a substituição dos topônimos das vias principais das cidades gaúchas de Caxias do Sul e Bento Gonçalves entre 1930 e 1945, no período histórico conhecido como o Estado Novo de Vargas. As pesquisas revelaram que topônimos que homenageavam italianos ou imigrantes de italianos foram retirados e, em seu lugar, surgiram topônimos que reverenciavam personagens históricas brasileiras (2010, p.160). Após a Segunda Guerra Mundial, “observou-se um retorno aos nomes italianos na hodonímia das duas cidades” (2010, p.161). O estudo realizado por elas é comparável ao realizado por Seemann que analisou como, no mesmo período histórico, vários nomes de município foram substituídos por nomes tupis, no estado do Ceará (2005).

Quando a territorialização é vista como meio de manutenção da apropriação de um lugar simbolicamente importante para um grupo de pessoas, torna-se necessário considerar a relação dessas pessoas com o lugar e o processo pelo qual se dá o surgimento de um lugar, para tanto, é preciso analisar como ocorre a transformação de uma região do espaço num lugar.

Tuan diferencia e caracteriza espaço e lugar da seguinte maneira

Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. O lugar é segurança e o espaço liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. O lugar pode ser desde a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a Pátria (...) Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação (TUAN, 1983, p.3).

O pesquisador também analisa como o bairro é visto pelo urbanista e pelas pessoas que lá moram. Para o primeiro, o bairro é “uma área de características físicas e sócio-econômicas bem definidas” (TUAN, 1983, p.188) Os moradores, por sua vez, vão criando, para si mesmos, uma visão de conjunto moldada pela experiência a partir da rua onde moram. A experiência, contudo, “não é consequência inevitável da experiência” pois é necessário “um esforço da mente” que propicie a conceituação. Neste ponto do processo, há o conceito de lugar, mas sem envolver as emoções. “Elas começam a dar cor ao bairro inteiro (...) quando se percebe que o bairro tem rivais e que está sendo ameaçado de alguma maneira, real ou imaginária. (TUAN, 1983, p.189)

Do ponto de vista aqui adotado, a nomeação é vista como um processo pelo qual se promove a transformação do espaço em lugar e a caracterização deste lugar como pertencente ou controlado por um grupo, isto é, como um território. Conforme defende Claval “O batismo do espaço e de todos os pontos importantes não é feito somente para ajudar uns aos outros a se referenciar. Trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço (2001, p.189)”.

O processo de nomeação abrange nomes comuns e nomes próprios, contudo, apenas no caso dos nomes próprios o signo é motivado, pois é fruto da intenção do denominador e apresenta um próprio nome uma carga semântica peculiar o qual pode ou não ser conhecido pelos moradores do lugar (ANDRADE; DICK, 2012, p197).

Considerando tudo o que envolve a nomeação dos lugares, Seemann propõe que estudo toponímico não se restrinja ao significado etimológico dos nomes de lugares e defende a inclusão de “uma pesquisa histórica contextualizada dos nomes dos lugares para revelar a dinâmica da sua nominação e renominação no tempo e no espaço e os motivos e agentes político-culturais atrás desse processo” (2005, p.207).

As pesquisas sobre substituição toponímica citadas (SEEMANN, 2005; FROSI et. al. 2010) descreveram as ações de agentes político-culturais e suas consequências na toponímia. Apesar de esses estudos terem realizado um análise contextualiza do fenômeno toponímico conforme a época histórica, as culturas e as línguas envolvidas, faltou-lhes uma descrição mais minuciosa das reações e as opiniões dos que foram afetado pelas mudanças.

Neste contexto, a investigação relatada a seguir foi realizada com o desiderato de compreender a perspectiva dos moradores perante o uso da nomeação como estratégia de territorialização partindo do

pressuposto de que os moradores são indivíduos que podem apoiar ou reprovar as iniciativas dos agentes. São que fazem juízos de valores e tentam fundamentá-los fazendo avaliações, negativas ou positivas. Para alcançar o objetivo almejado, textos jornalísticos publicados como reação à instauração de uma associação e suas iniciativas territoriais na Vila Zelina, um bairro da região Leste de São Paulo, foram descritos e analisados com o apoio da Linguística, da História e da Geografia Cultural cuja proposta de estudo toponímico se adota neste artigo. Seeman defende que o estudo dos nomes de lugares requer investigações na histórias dos lugares e dos sujeitos que lá moram ou habitam os quais são agentes ou sujeitos de processos de territorialização que afetam relações identitárias e aponta que, quando se levam em conta dados oficiais e dados folclóricos, é possível perceber que não é possível se chegar a uma conclusão única a respeito dos nomes de lugares pois se “mesclam a reconstrução do passado com a (re)invenção de tradições.” (SEEMAN, 2005, p.220).

Este artigo está organizado em duas seções. A primeira seção descreve a formação do bairro segundo informação proveniente de duas teses de doutorado, uma na área de História (ZEN, 2012) e outra na área de Geografia Cultural (VOROFIEFF, 2006) e um trabalho final de disciplina em História (MEDEIROS, 2010). A segunda trata da territorialização do espaço, fenômeno estudado a partir das noções geográficas de paisagem e território (CABRAL, 2007), da análise de alguns topônimos situados ao longo da avenida principal do bairro em janeiro de 2017 e de três textos jornalísticos um publicado num jornal de bairro (QUERCIA, 2008), um publicado na revista *Veja* (OLIVEIRA, 2011) e outro no jornal *A Folha de São Paulo* (CORREIA, 2013). Finalizando o artigo, apresentam-se algumas considerações sobre a pesquisa realizada.

A formação do bairro Vila Zelina

A Vila Zelina é um bairro que faz parte de uma região maior, a Vila Prudente, da qual também faz parte a Vila Bela e a Vila Alpina. No século XVIII, a região utilizada para pasto de gado e criação de frutas, era propriedade de João Pedroso, um comerciante português:

Esse terreno compreendia as áreas conhecidas hoje como Vila Ema, Vila Diva, Vila Guarani, Vila

Zelina, Vila Bela, Jardim Independência, Vila Alpina, Parque São Lucas, Parque Santa Madalena, Fazenda da Juta, Vila Industrial e Jardim Guairaca. Após a morte desse comerciante, um de seus parentes vendeu estas terras que eram conhecidas como Campo Grande, aos irmãos Emídio, Panfilio e Bernardino Falchi, sendo estes imigrantes italianos, no dia 04 de outubro de 1890.(...) mais tarde a região recebeu o nome do então presidente do Brasil, Prudente de Moraes pois este apoiava a iniciativa da expansão urbana iniciadas pelos Falchi sendo chamada assim de “Vila Prudente de Moraes” (DE MEDEIROS, 2010, p.2)

Conforme Medeiros, os irmãos Falchi transformaram a região mediante instalação de uma fábrica de doces, de uma vila operária e de “loteamentos para a moradia de operários (...) na sua grande maioria recém-imigrados de países como Itália, Espanha, Portugal, Lituânia e Rússia, sendo estes dois últimos fundadores de grandes comunidades sociais e religiosas no bairro (MEDEIROS, 2010, p.2)

Esta visão mais ampla da macro-região que não distingue as sub-regiões é também adotada pela Associação dos Moradores, Comerciantes, Empresários e Amigos do Bairro de Vila Zelina e Adjacências (doravante Amovisa) em cujo *site* há a informação de que a associação foi fundada em 2008 e sua área de atuação abrange, além da Vila Zelina, a Vila Bela, a Vila Alpina, o Jardim Avelino, a Quinta das Paineira, a Vila Lucia e a Vila Alois, bairros que são descritos como “adjacentes” à Vila Zelina e “contidos no subdistrito de Vila Prudente” (AMOVIZA, 2009a, s/p).

Uma vez que a Vila Zelina, tal qual a macrorregião a que pertence, recebeu muitos imigrantes, para entender como ocorreu a formação do bairro, é preciso remontar aos fluxos migratórios que trouxeram esses imigrantes. Para comparar os processos migratórios ocorridos, de um lado, foram buscados dados e informações numa tese de doutorado em História Social sobre a migração lituana no Brasil e em dois países da América Latina (Uruguai e Argentina) (ZEN, 2012) e, de outro, selecionamos as informações pertinentes à migração russa numa tese de doutorado em Geografia Cultural sobre a migração russa no Brasil (VOROBIEFF, 2006), ambas escritas por descendentes de migrantes das respectivas nacionalidades.

Tanto no caso dos lituanos, quanto no caso dos russos, houve duas ondas migratórias: uma, mais numerosa, nas primeiras décadas do

século XIX e outra, menos numerosa, em meados do mesmo século. De acordo com Zen, na Lituânia, a primeira onda foi motivada pela instabilidade econômica e política (apesar da, então, recente conquista de sua independência do tsarismo), trouxe mais pessoas do meio rural, a maioria de origem humilde. Ainda consoante Zen a segunda onda trouxe mais pessoas urbanas e com mais escolaridade, como resultado do movimento migratório forçado dos deslocados de guerra, no começo da II Grande Guerra quando foi estabelecida a União Soviética e seu regime. (ZEN, 2012, p. 8, p.138-142, p.163). Vorobieff, por sua vez, inscreve as duas levas num só período, assim descrito:

Esse período foi caracterizado pela expulsão de muita gente das terras russas. No período, houve (...) fuga do país composta por velhos crentes (...), mas a maior parcela de migrantes era composta por representantes do exército branco, militares de diferentes categorias (exército, marinha e a aeronáutica); principalmente os de altas patentes, além de muitos opositores ao novo regime, como grandes proprietários de terras, empresários dos mais variados setores econômicos, do clero e representantes da elite intelectual do país (VOROBIEFF, 2006,p.25).

Comparando-se ambas as descrições, de modo geral não se diferenciam as causas pelas quais os migrantes abandonaram seus países de origem. Quando se considera a história das comunidades de migrantes que foram criadas na região leste da cidade de São Paulo², outros pontos em comum surgem: houve criação de associações religiosas, culturais e esportivas e também construção de igrejas as quais foram erguidas em terrenos doados pelos proprietários dos lotes que deram origem aos bairros da Vila Zelina da Vila Bela e da Vila Alpina e contaram com a colaboração financeira e prestação gratuita de serviços por parte dos moradores.

De 1930 a 1940, o governo lituano, então presidido por Antana Smetona estabeleceu uma política de apoio aos migrantes inspirado em Mussolini. Nessa época, os migrantes foram beneficiados pela construção de cinco escolas, uma delas na Vila Bela, a Escola *Lietuvos Kunigaikestis Vytantas Didysis*. As escolas eram particulares, mas ofertavam

² É preciso esclarecer que, em ambos os casos, nem todos os migrantes se concentraram no leste de São Paulo. Houve também migrantes que foram morar em outras regiões, como o ABC e o litoral, além de migrantes que se estabeleceram no sul do país e no Rio de Janeiro. Foca-se, no artigo, as coletividades que se estabeleceram na macro região de Vila Prudente.

algumas bolsas, o ensino era feito com metade da carga horária em português e metade em lituano, sendo que a seleção, o envio e o salário dos professores lituanos eram custeados pelo governo lituano. (ZEN, 2012, p.80) Na mesma época, na região de Vila Bela, foi construída a Igreja Católica de São José e teve início o empreendimento imobiliário que criou o bairro:

A idéia de um empreendimento imobiliário na região de Vila Zelina combinou com a busca dos lituanos católicos por construir uma igreja. Cláudio Monteiro Soares Filho doou para a Comunidade Lituana Católica Romana de São José um terreno no centro da região, em 1934. De posse do terreno, o próximo passo foi buscar recursos (...) foram conseguidos (...). Em apenas dois anos a igreja (...) foi erguida sendo consagrada em 16 de fevereiro de 1936, rememorando o dia da independência da Lituânia. (ZEN, 2012, p.93)

Poucos anos antes, em 1931, a primeira igreja ortodoxa russa de São Paulo foi erguida em terreno doado pela família Giacolini na Vila Alpina. Na Vila Zelina, havia a “comunidade da Nossa Senhora da Proteção da Vila Zelina” a qual, apesar de já organizada em 1940, só conseguiu ter sede própria em 1960:

A sede própria foi construída em 1962 (...) pela comunidade paroquial, que naquele momento, era composta por russos e um grande número de iugoslavos ortodoxos, que passaram a frequentar a paróquia. Os iugoslavos, por não possuir uma igreja própria, foram acolhidos como povo irmão. O padre Nicolai Predaievitch, foi um dos primeiros (...) Ele sempre foi morador da Vila Zelina, servindo a comunidade ortodoxa até o último dos seus dias (VOROBIEFF, 2006, p.76).

Conforme indica a história de construção das igrejas e do surgimento da Vila Zelina (desdobrada de Vila Bela) e dos bairros vizinhos de Vila Ápia, a região concentrou migrantes de etnias e nacionalidades geograficamente situadas no Leste Europeu e que migraram nas mesmas épocas e quase pelos mesmos motivos. Todos se organizaram em associações religiosas, culturais e esportivas e procuraram manter suas raízes, cada qual celebrando sua religião, sua língua e sua cultura. Apesar de compartilharem uma história migratória em comum, conforme mostram as seções seguintes, há uma disputa

simbólica pelo espaço por parte de imigrantes e descendentes de imigrantes que foram morar nessa região.

O processo de territorialização e reterritorialização no bairro

Quando o poder é exercido por mais de um agente, pode haver, numa mesma área, a sobreposição de territórios, circunstância que propicia a existência de “territorialidades em contradição por conta dos atritos e conflitos existentes entre os respectivos agentes” (CABRAL, 2007, p.152).

Considerando que, na região em tela, há dois agentes de controle e gestão simbólica do espaço na região, o formado por um conjunto de moradores lituanos ou descendentes de lituanos da Vila Zelina e a Amovisa, descreve-se a nomeação como estratégia de territorialização adotada pelos primeiros e as alegações apresentadas por ambos em reportagens publicadas em jornais de ampla circulação, a saber, a revista *Veja* e o jornal *Folha de São Paulo*, quando houve, por parte da associação, uma proposta de tematização da região.

Considerando a formação do bairro, pode-se afirmar que, antes da criação da Amovisa, o poder pela gestão do território na Vila Zelina tinha por agentes alguns moradores de origem lituana desta micro-região da Vila Prudente. A criação de uma associação de bairro para representar a macrorregião como um todo resultou na inclusão de outros agentes causando insatisfação dos que se sentiram excluídos.

Quando houve eleição do primeiro presidente da AMOVISA, um morador da Vila Zelina fez uma reclamação a Orestes Quercia, um colunista de um jornal local chamado *Folha da Vila Prudente* que publicou o seguinte:

Vila Zelina

Leitor que solicita que seu nome não seja divulgado reclama dizendo que o presidente da recém-criada Associação dos Moradores do Bairro Vila Zelina, “Amovisa”, Demétrio Dimitrov Neto não mora no bairro e que a eleição da diretoria da entidade foi realizada ao arrepio das aspirações da comunidade, desprezando os antigos moradores. Tudo isso no meio de outras incongruentes denúncias. A pedido do colunista, o responsável pelo Departamento Jurídico Viotto Neto enviou o estatuto da instituição (...) que diz “ a qualidade do associado poderá ser exercida por pessoas físicas

ou jurídicas que habitam ou tenham domicílio no bairro de Vila Zelina ou arredores”.O presidente Demétrio mora em Vila Bela. Quanto às eleições garanto que o pleito foi realizado com transparência e legalidade. O resto me parece dor de cotovelo (QUERCIA, 2008, p.4).

Este trecho da coluna de Quercia pode ser visto como um indício da oposição de alguns moradores do bairro da Vila Zelina à Amoviza, oposição que, como mostram os comentários analisados na última seção deste artigo, quase dez anos depois, ainda persiste. O trecho também mostra como as sub-regiões da Vila Prudente são vistas por alguns de seus moradores, como regiões descontínuas e não como partes de uma região maior.

Analisando-se todas as informações que estão no *site* da associação, com inclusão das fotos lá publicadas, percebe-se que os eventos organizados envolvem todas as comunidades de imigrantes que vivem no distrito maior do qual a Vila Zelina é uma parte. Além da ascendência lituana dos moradores, são citadas outras e todas são colocadas em pé de igualdade, omitindo-se toda e qualquer diferença que possa haver entre elas:

(...) os lituanos (...) foram um dos grandes pioneiros e empreendedores juntamente com destaque também os russos, búlgaros, ucranianos e os poloneses, letos, estonianos, eslovenos, croatas, húngaros, bielorrussos, tchecos e romenos que fizeram e fazem parte desta história. Nesta época já haviam Portugueses (Família Monteiro Soares proprietária das terras), Italianos, Espanhóis, Gregos, Africanos, Japoneses, Israelitas e Brasileiros natos. (AMOVIZA, 2009b, s/p)

Nesse mesmo texto, o nome inicial da associação muda: ele deixa de ser a Associação dos Moradores da Vila Zelina e passa a ser a “Associação dos Moradores, Comerciantes, Empresários e Amigos do Bairro de Vila Zelina e Adjacências” (AMOVIZA, 2009b, s/p) uma associação da região maior e não, somente, da Vila Zelina. Tanto a indiferenciação entre as comunidades, quanto o fato de o bairro de Vila Zelina não estar sendo representado com exclusividade podem ser entendidos como motivos pelos quais alguns moradores da vila se opõem à associação e suas iniciativas.

Uma das primeiras iniciativas da associação foi propor uma tematização da região, com inclusão da Vila Zelina. A tematização pode ser definida como a criação de paisagens que remetem a um determinado tema. Por exemplo, na época do Natal, em muitas cidades, algumas ruas recebem uma decoração natalina, o que as torna tematizadas durante o período. Como resultados deste processo, criam-se paisagens natalinas que alteram a percepção que os transeuntes têm do espaço.

Num primeiro momento, a paisagem parece equipar-se àquilo que pode ser abrangido pelo olhar, contudo, trata-se, na verdade, de uma percepção subjetiva do espaço filtrada pela cultura e pelas expectativas de quem a vê. Cabral ressalta que o processo perceptivo não é passivo, mas sim ativo, haja vista a necessidade de os dados sensoriais serem organizados e que a esta organização seja atribuído um sentido. Enquanto reunião de formas naturais e culturais de uma área, a paisagem é um campo de visibilidade que, ao ser interpretado por quem a olha, torna-se significado, “um texto que serve a uma multiplicidade de leituras” (CABRAL, 2007, p.150).

Entende-se, assim, que a tematização de uma área cria uma paisagem que conduz o olhar do transeunte e o leva a uma determinada leitura do espaço. A tematização proposta pela Amovisa almejava criar paisagens que remetessem ao Leste Europeu, o que poderia ser conseguido ao menos de duas formas. Ou por inclusão de símbolos compartilhados por todas as culturas envolvidas ou pela somatória de diferentes símbolos, cada um remetendo a uma cultura. Considerando a segunda alternativa, houve temor de que houvesse a introdução de símbolos russos, como, por exemplo, a decoração de um orelhão de modo a torná-lo parecido a uma “matrioska” (boneca típica russa feita de madeira na qual uma boneca fica dentro da outra). Este receio motivou à rejeição da proposta por parte dos agentes de territorialização da vila. Outra causa para a rejeição foi a percepção de que a região específica da Vila Zelina já estava tematizada.

A proposta de alteração da paisagem não foi implementada. Os topônimos visíveis desde a avenida principal do bairro, a Av. Zelina, principal avenida do bairro, em janeiro de 2017 formam um texto-mapa simbólico que retrata fragmentos daquilo que se pode perceber pelo olhar e caracteriza a paisagem que os agentes supramencionados lutaram para deixar intacta: uma paisagem construída por nomeações. Trata-se de topônimos que formam um texto semiótico que pode receber a seguinte leitura, entre outras: a de que se trata de um espaço onde há a valorização

da Lituânia, onde se torna visível a relação dos moradores com o país de origem daqueles que lá residem, ou seja, um lugar onde vivem lituanos.

Na altura do número 660 da avenida, há a fachada de uma imobiliária nomeada com o nome *Kaunas*, nome da segunda cidade mais importante da Lituânia. Este nome empresarial é um corotopônimo, isto é, relativo a outro nome de lugar ao qual presta homenagem (DICK, 1992, p32) Considerando que nomes de empresas também são nomes de marca (DELANO, 2010) esta nomeação pode ter sido motivada pela intenção de atrair o público-alvo: os moradores da região. O mesmo é válido para os topônimos analisados à continuação.

Pouco mais adiante, há a fachada do estacionamento de outra imobiliária cujo nome é *Lituânia* e cujo logotipo tem as mesmas da cores bandeira do país, caracterizada por ter três faixas horizontais nas cores amarela, verde e vermelha, mas com alteração da ordem das duas primeiras cores no logotipo no qual há primeiro a cor verde e depois a cor amarela. Avançando na avenida, há a fachada de uma ótica que também faz homenagem a ao mesmo país báltico. Tanto a ótica quanto a imobiliária são também são corotopônimos que prestam homenagem aos imigrantes lituanos e seus descendentes.

Da avenida também se avista o nome de uma rua transversal, a rua *Mery*, que homenageia o rio lituano de mesmo nome. Assim como as nomeações já comentadas, é um corotopônimos, haja vista a homenagem a um rio lituano.

Todas essas fotos foram tiradas na Av. Zelina e formam uma paisagem formada por nomeações que remetem à Lituânia e lhe prestam homenagem. A existência desses e outros topônimos podem caracterizar a paisagem como sendo um lugar relacionado com os lituanos e seus descendentes, motivo pelo qual sua nomeação pode ser considerada uma estratégia de territorialização. A caracterização discursiva da região em textos jornalísticos é outra estratégia de territorialização conforme se mostra a seguir.

Na matéria publicada pela revista *Veja*, a caracterização do bairro como território da Amovisa tem início logo no título: “Vila Zelina: o Leste Europeu em São Paulo”. Esta caracterização mais ampla do bairro é corroborada na *lead* que está logo abaixo do título. Nela, a comunidade lituana está incluída num grupo vago e heterogêneo caracterizado como sendo de “outras comunidades”: “Conheça a história do bairro que reúne descendentes de húngaros, poloneses, russos e outras comunidades”. Ao longo do texto, contudo, a comunidade é

mencionada, bem como a Igreja São José, menção que ocorre depois de uma menção à Igreja “Batistas Boas Novas, da comunidade russa, construída em 1920” (OLIVEIRA, 2016 s/p).

Ao longo do texto, a história do bairro é não só retomada, mas reescrita – comparando-se as informações obtidas nas teses de doutorado com as fornecidas pela jornalista - em três aspectos importantes. Primeiro, o ponto de partida da narrativa remonta ao século 19, a Vila Zelina é caracterizada como parte de Vila Prudente e menciona-se, como um dos responsáveis pelo empreendimento imobiliário, um homem caracterizado como russo:

No século 19, o bairro (...) era chamado de Baixos do Embaúba. Na época, enquanto a região começava a atrair estrangeiros, bairros vizinhos, como o Vila Prudente, já tinham fábricas e atividades comerciais (...) O primeiro registro do bairro é de 27 de outubro de 1927, quando foram feitos alguns loteamentos. O proprietário de terras Cláudio Monteiro Soares filho e **o russo recém-chegado Carlos Corkisco** se ocuparam da venda dos terrenos. A família desse imigrante, aliás, mantinha contato com pessoas do Leste Europeu, e foi responsável pela chegada de muitos deles a São Paulo (OLIVEIRA, 2011 s/p) (grifos nossos).

Esta narrativa da história do bairro relaciona-o à Vila Prudente, atribui ao bairro uma origem também russa na figura de Carlos Corkisco, caracterizado como sendo “o russo recém-chegado”. Não se menciona, contudo, que o proprietário das terras, Cláudio Monteiro Soares filho doou o terreno para a construção da igreja São José da Vila Zelina (dos lituanos) aos moradores do bairro de origem lituana.

A análise destes trechos revela a intenção de caracterizar a região como um grupo genérico e amplo formado por moradores cuja procedência é a do leste europeu em geral e de enfatizar a origem russa de alguns dos moradores. De aí se conclui que a reportagem fornece argumentos a favor da territorialização promovida pela Amovisa.

Ao final da matéria, o presidente da Amovisa à época, Víctor Gers Junior, informa sobre uma de suas intenções: “<<Queremos instalar orelhões temáticos e modificar a fachada de alguns comércios para um estilo de arquitetura do Leste Europeu>>” (GERS JUNIOR, apud OLIVEIRA, 2016, s/p).

A intenção de instalar os orelhões temáticos ensejou reações por parte de alguns moradores da Vila Zelina as quais foram a público e suas vozes se tornaram públicas quando uma matéria jornalística foi publicada na *Folha de São Paulo* no dia 28 de agosto de 2013.

Logo no título, percebe-se a adoção de um ponto de vista oposto ao adotado pela matéria da revista *Veja*: “Comunidade lituana na zona leste luta contra orelhões em forma de 'matrioska” (CORREA, 2013, s/p). Este título caracteriza a Vila Zelina como sendo território de lituanos. Essa análise se confirma na *lead* da matéria:

Orelhões em forma de "matrioska" são o pior pesadelo dos descendentes de lituanos que moram na Vila Zelina, bairro com ares de interior ao lado da Mooca, na zona leste. Não querem nem imaginar o lugar, fundado por seus avós, repleto de símbolos russos, como a boneca que tem sempre mais bonequinhas dentro. (CORREA, 2013 s/p).

Ao longo da matéria, o posicionamento entrevisto no título e na *lead* é confirmado, se bem haja a citação de uma fala discordante de uma moradora da Vila Zelina com ascendência russa e lituana que é a favor da tematização: “Adriana Satkunas, que é neta de russos e lituanos, é a favor da tematização. <<Não ia ter só matrioskas>>” (CORREA, 2013, s/p).

Segundo Correa, os protestos de moradores da Vila Zelina resultaram na exclusão do bairro da região que seria decorada tematicamente. Tão importante quanto este desfecho é a análise do modo como a história do bairro é narrada:

Consta para moradores que o responsável pelo loteamento do bairro foi um lituano de ascendência russa. <<"O dono das terras, o senhor Monteiro Soares Filho, queria vender lotes para os lituanos que estavam se instalando na Vila Bela e contratou alguém que falasse lituano para fazer as vendas. Também ofereceu como atrativo a doação de um terreno para a construção da igreja>>, diz a mãe de Audra, Janete Zizas. (CORREA, 2013).

As informações publicadas por Correa revelam que, na época de criação do bairro, também foram pensados, como potenciais compradores dos terrenos loteados, os lituanos e suas famílias. Comparando-se ambas as matérias, salta à vista uma divergência: enquanto Oliveira afirma que o vendedor dos terrenos da Vila Zelina foi “um russo recém-chegado”, na matéria de Correa, a mesma pessoa é

caracterizada como sendo “um lituano de ascendência russa” um vendedor que considerava os lituanos como seu público-alvo. Informações prestadas no Grupo do *Facebook* por membros que moram na Vila Zelina há duas gerações indicam que o vendedor é lituano de ascendência lituana.

Como, na época de seu nascimento (antes de 1918), a Lituânia não era independente, os nascidos tinham certidão de nascimento russa. Então a divergência nos sobrenomes pode ser explicada pelo idioma no qual estão escritos: na língua russo é *Corkisco*, mas, no idioma lituano, o sobrenome é *Korviski*. Contudo, sua escolha como vendedor de terrenos pelo proprietário, ao que tudo indica, não se deveu ao fato de ele falar/ser lituano, mas sim por ser ele poliglota, falava lituano, russo e polonês, o que o tornou a pessoa ideal para vender terrenos aos imigrantes do leste europeu.

A comparação da narrativa de Correa com as informações das teses pesquisadas mostra que não houve nenhuma menção a tudo aquilo que poderia identificar entre si os lituanos e os russos. De forma simétrica, não se mencionou, na matéria de Oliveira, nada que pudesse diferenciar os lituanos dos demais, uma vez que a unificação das comunidades étnicas que se desenvolveram na região faz parte das estratégias utilizadas pela Amoviza.

A fala de uma das pessoas entrevistada por Correa apresenta um argumento contrário à territorialização promovida pela associação: “<<O bairro não precisa de tematização. Já é tematizado!>>” (CORREIA, 2013 s/p). Corroborando com a entrevistada Correa informa: “Um passeio na Vila Zelina também revela um pouco da presença daquele povo ali. Imobiliária Kaunas e edifício Kaunas (cidade lituana), Ótica Lituânia, o tapete do restaurante que diz <<sveiki atvyke>> (bem-vindo em lituano) são alguns sinais. Tem também o Bar do Vito e a rotisserie <<Delícias Mil>>. (CORREIA, 2017, s/p). Estas informações remetem às nomeações analisadas anteriormente as quais evidenciam a territorialização conseguida pela nomeação toponímica.

As informações e as análises ora apresentadas contextualizam a análise da nomeação da *Praça Pushkin* que fica ao final da avenida. O topônimo em tela homenageia um poeta russo (GOLUB, 2013, s/p) e contrasta com as demais por não remeter a Lituânia e estar relacionado à Rússia. Com relação à paisagem construída por nomeações que remetem ao bairro como território dos lituanos e descendentes, este topônimo é destoante. De fato, a nomeação desse espaço, ocorrida no dia 13 de

junho de 2013, instaura outra territorialidade a saber: a pretendida pela AMOVIZA.

Considerações Finais

As análises apresentadas mostram como a nomeação dos lugares faz parte de estratégias de territorialização e disputa simbólica pelo espaço. Esta dinâmica política, territorial e simbólica atrelada à nomeação foi evidenciada pela análise contextualizada de textos jornalísticos sobre o bairro da Vila Zelina pela qual se percebe a relação existente entre nomeação, território e identidade a qual pode ser comparada a “um grito de guerra usado numa luta *defensiva*: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior dotada de mais recursos” (BAUMAN, 2015,p.83). Isto porque que a atribuição de um nome a um espaço o transforma em um lugar, um lugar que pertence a um território e com o qual as pessoas estabelecem relações de identidade. As análises também mostram que o estudo toponímico se enriquece quando se foca são só os agentes das políticas territoriais, mas também os que são por elas afetados.

Referências

ANDRADE, Karylleila, DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. In: **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, lexicografia, terminologia, v.6.ISQUERDO, A.N, SEABRA, M.C.T.C.. (orgs.), 2012, p.193-207.

AMOVIZA, 2009a **Quem somos**. São Paulo, SP: 2009 Disp. Em <<http://www.amoviza.org.br/quemsomos.asp>> Acesso em 29, jun., 2017. [site da Associação de Moradores do bairro de Vila Zelina].

AMOVIZA, 2009b. **Objetivos**. São Paulo, SP Disp. em <<http://www.amoviza.org.br/objetivo.asp>>. Acesso em 29, jun., 2017. [site da Associação de Moradores do bairro de Vila Zelina].

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. MEDEIROS, C.A. (trad.) Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CABRAL, Luiz Otavio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, EDUFSC, v.41, n.1 e 2, 2007, p.141-155.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2ª edição. Florianópolis: Ed.UFSC, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobado. Cultura, Política, Economia e Espaço. Rio de Janeiro:UERJ.**Espaço e Cultura**, n. 35, jan/jun 2014, p.27-39. Disp.em<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/18903/13701>>. Acesso em 10 abril 2018.

CORREA, Vanessa. Comunidade lituana na zona leste luta contra orelhões em forma de ‘matrioska’. São Paulo: **Jornal Folha de São Paulo**, 18 agos 2013, s/p. Disp.em <<http://f5.folha.uol.com.br/humanos/2013/08/1328340-comunidade-lituana-na-zona-leste-luta-contr-orelhoes-em-forma-de-matrioska.shtml>>. Acesso em 10 abril 2018

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

FROSI, Vitalina Maria, FAGGION Carmen Maria DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. > Hodônimos de Caxias do Sul e Bento Gonçalves : suas interfaces e correlações com o contexto histórico e cultural. In: **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, lexicografia, terminologia, v.5.ISQUERDO, A.N, BARROS, A.B. (orgs.), 2010, p.153-170.

DE MEDEIROS, Marcos Vinicíus Gomes de. **O crescimento urbano industrial do bairro da Vila Prudente através dos clubes desportivos locais**. Trabalho final da disciplina Uma História para a cidade de São Paulo: um desafio pedagógico, ministrada pela prof. Antonia Terra Calazans. FFLCH, USP, 2010,8p.

GOLUB, Dmítiri. Praça em SP homenageia Pushkin. **Gazeta Russa**. 18 de jun de 2013.Disp.<https://gazetarussa.com.br/arte/2013/06/18/praca-em-sp-homenageia-aleksandr-pushkin-19915>. Acesso em 13 de jul. 2017.

KANTOR, Iris. Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850). In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2. p. 39-.61 jul.- dez. 2009.

OLIVEIRA, Anna Carolina.Vila Zelina : o Leste Europeu em São Paulo. São Paulo: **Revista Veja**, 26 de out de 2011. Disp.em <<http://veja.abril.com.br/cidades/vila-zelina-historia/>>. Acesso em 5 dez 2016.

MORAES, Cristina. O Mapa do Território Nacional de Misiones (1881) na conjuntura da disputa territorial entre Argentina e Brasil. **Confins**, maio 2017. Disp.em <<http://confins.revues.org/11774>>. Acesso em 13 out 2017.

QUERCIA, Orestes. “Colunão”. In: **Folha de Vila Prudente**, 25, abr, 2008, p.4

VOROBIEFF, Alexandre. **Identidade e memória da comunidade russa na cidade de São Paulo**. Tese de doutorado. Departamento de Geografia Cultural, FFLCH, USP, 2006.258p.

SEEMANN, Jörn A toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado do Ceará. **Vivências**, n.29, 2005, p.207-224.

Disp.em<https://www.academia.edu/647642/A_TOPON%C3%8DIA_A_COMO_CONSTRU%C3%87%C3%83O_HIST%C3%93RICO-CULTURAL_o_exemplo_dos_munic%C3%ADpios_do_estado_do_Cear%C3%A1> Acesso em 10 out 2017.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Lúvia de Oliveira, São Paulo:Difel, 1983.

ZEN, Erick Reis Godlauskas. **Identidade em conflito**. Os imigrantes lituanos na Argentina, Brasil e Uruguai (1920-1955). Tese de doutorado, em História Social no Departamento de História da FFCLH, USP, 2012.184p.

Recebido: 19/03/2018

Aprovado: 28/04/2018